

Melancolia e narcisismo na contemporaneidade das *selfies*¹

GILBERTO GIORDANO FILHO²

A cada 40 segundos uma pessoa se suicida no mundo, mantendo uma média de 800 mil suicídios por ano. Entre estes, mais de 95% o diagnóstico do indivíduo era um tipo de problema psiquiátrico (OMS, 2019).

Resumo: Este trabalho tem o objetivo de compreender os conceitos de luto e melancolia e sua relação com o narcisismo contemporâneo decorrente das redes sociais. Portanto, os conceitos de luto, melancolia, narcisismo, ideal de ego e ego ideal são trazidos como suporte para a reflexão sobre o quanto o narcisismo, atual na nossa sociedade, pode estar relacionado com o comportamento melancólico. Adicionalmente, questiona-se a posição do sujeito diante da sociedade contemporânea, que é marcada pela cultura da *selfie*, uma fotografia que a pessoa faz de si mesma.

Palavras-chave: Narcisismo, Luto, Melancolia, Ego Ideal, Ideal de Ego.

Este trabalho apresenta a definição de narcisismo, ego ideal e ideal de ego, melancolia e suas diferenças em relação ao luto. Sequencialmente, uma visão da vida digital, e do comportamento da maioria dos usuários das redes sociais, é apresentada a fim de chamar a atenção para o quão narcísico pode ser o indivíduo atual dessa era digital. O quanto o imaginário exacerbado e a idealização podem influenciar na fragilidade psíquica, no sentido melancólico, devido às *frágeis* relações objetais e interpessoais, juntamente das possibilidades de perda do objeto introjetado no seu eu narcísico.

Narcisismo

Conforme a visão de Freud (1914), a libido retirada do mundo externo foi conduzida para o eu e assim surgiu uma atitude que podemos chamar narcisismo. O delírio de grandeza não é algo novo, mas é a ampliação e o desdobramento de um estado que já existia antes. Isso nos leva a conceber o narcisismo que nasce da retirada dos investimentos objetais como um narcisismo secundário que se edifica sobre a base do outro, o narcisismo primário.

Segundo Bergeret (2008), o narcisismo promove uma constituição, por parte do sujeito, de uma imagem de si mesmo unificada, perfeita e inteira; que o complemento libidinal do egoísmo próprio ao instinto de conservação, a qual ultrapassava o autoerotismo primitivo para favorecer a integração de uma figuração positiva e diferenciada de outro, sobretudo do outro em seu estatuto sexuado; que suscita e mantém o indispensável e mínimo amor próprio, necessário a toda sobrevivência psíquica e mental, na expressão clínica cotidiana de um verdadeiro prazer de funcionamento.

André Green, no livro “Narcisismo de vida. Narcisismo de morte” (1988), defende a ideia de que o conceito de narcisismo constituiu-se como algo “intermediário” no pensamento freudiano. Entre

¹ Trabalho apresentado na jornada de estudos psicanalíticos promovida pelo Instituto de Estudos de Psicanálise do Círculo Psicanalítico do Rio Grande do Sul em 15/06/2019.

² Candidato em formação psicanalítica no Instituto de Estudos de Psicanálise do Círculo Psicanalítico do Rio Grande do Sul

a sexualidade, que reinou soberana desde o início e durante muitos anos, e a criação de sua segunda tópica, o narcisismo teve o seu lugar. Green diz que Freud abandonou as suas investigações acerca do narcisismo após 1920, simplesmente incluindo-o como parte das pulsões de vida, deixando em aberto a possibilidade de uma associação entre o narcisismo e as pulsões de morte. O narcisismo, a partir de então, passou a ser cada vez menos mencionado, sobrevivendo através do conceito de ideal do eu, formulado no artigo “Sobre o narcisismo: uma introdução” (1914).

Como acontece sempre que a libido está envolvida, mais uma vez aqui o homem se mostra incapaz de abrir mão de uma satisfação de que outrora desfrutou. Ele não está disposto a renunciar à perfeição narcisista de sua infância; e quando, ao crescer, se vê perturbado pelas admoestações de terceiros e pelo despertar de seu próprio julgamento crítico, de modo a não mais poder reter aquela perfeição, procura recuperá-la sob a nova forma de um ego ideal. O que ele projeta diante de si como sendo seu ideal é o substituto do narcisismo perdido de sua infância na qual ele era o seu próprio ideal (FREUD, 1914).

Ainda no texto de Freud “Sobre o narcisismo: uma introdução” (1914), já surgem as definições de ego ideal e ideal de ego, os quais podem ser resumidos como, um ego ligado a momentos mais primitivos da constituição do sujeito e a sua onipotência e outro ego, a constituição do ideal do ego, relacionado com a evolução, com as identificações e acesso às questões relativas à cultura e à organização da civilização. Freud (1914) coloca a ideia de que o ego ideal surge a partir de um investimento narcísico, porém, ao crescer e se deparar com a realidade, o indivíduo terá que constituir uma “nova forma de ego ideal”, o que viria a ser o ideal do ego.

O ‘ego ideal’ inclina-se mais para uma idealização da onipotência do ego: é um ego idealizado, um ego levado ao máximo de onipotência. Pelo contrário, o ‘ideal do ego’ apresenta-se como algo que se colocaria diante do ego como seu ideal: num sentido, uma instância menos ilusória do que a instância do ego ideal, certamente mais ligada aos problemas da lei e da ética (LAPLANCHE; PONTALIS, 2004).

Freud (1914) explica que uma das condições que faz das pessoas narcísicas as mais atraentes não é apenas de natureza estética, mas a grande atração que elas exercem sobre aqueles que renunciaram ao pleno exercício de seu próprio narcisismo. Dessa forma, numa escolha objetual de tipo narcísico, o objeto de amor será à imagem e semelhança do eu, ou pela transformação do indivíduo num ideal, no qual o objeto de amor será alguém que seja capaz de amar, de elevar a autoestima do eu.

Luto e Melancolia

O melancólico é um deprimido que sofre com a perda de um objeto não identificado. E o seu sofrimento é correspondente a um luto ocasionado pela necessidade de resgate do objeto perdido.

“A análise nos dá o direito de supor que a melancolia é uma doença baseada em um conflito entre o ego e o superego, a qual faz parte de um grupo que chamamos de psiconeuroses narcísicas” (FREUD, 1924, p. 169).

A melancolia está presente na vida dos seres humanos desde a antiguidade, sendo discutida, até mesmo, por grandes filósofos como Aristóteles e Hipócrates já no século IV a.C. Aristóteles, através do que chama de Problema XXXI, definiu a melancolia como um estado originário da bÍlis negra, o qual relaciona-se com os homens que são considerados gênios. Ele considerou que todos que se destacam como gênios, com um comportamento de exceção, como os filósofos, os poetas e os artistas, são necessariamente melancólicos. Este tipo de indivíduo tem uma propensão a seguir à imaginação, que é inseparável da memória, logo a melancolia foi associada inicialmente à imaginação (ARISTÓTELES, 1998).

Posteriormente, Freud (1917) traz uma nova ideia sobre a melancolia como sendo uma reação a uma perda real ou simbólica. Ele utiliza uma analogia com o luto para entender a melancolia, definindo-o como sendo uma perda de uma pessoa amada ou de abstrações colocadas em seu lugar, como a pátria, a liberdade ou um ideal. O luto seria uma perda real que pode ser bem definida e necessariamente consciente, ou seja, o enlutado sabe exatamente o que foi perdido. Já na melancolia, a perda seria inconsciente e não pode ser simbolizada. Na elaboração normal do luto, o comportamento esperado é que o indivíduo em luto retire todo o seu investimento libidinal do objeto perdido, vencendo o sofrimento causado por este depois de algum tempo, portanto um fenômeno mental natural e constante durante o desenvolvimento humano. No caso da melancolia é como se houvesse uma negação da realidade exterior que faz a pessoa se ligar ao objeto perdido de forma quase alucinatória de desejo. A melancolia pode ser uma reação à perda de um objeto real da vida do sujeito, mas também pode ser uma reação a uma perda de um ideal, na qual o objeto de amor não foi perdido, mas acabou deixando de ser um objeto de amor.

Para Freud (1915), no processo de luto, a inibição de qualquer atividade que não esteja ligada ao objeto perdido e à perda de interesse no mundo externo ocorre por causa da catexia (uma energia libidinal vinculada a uma representação mental) do objeto que continua a aumentar e tendendo a esvaziar o ego. Essa inibição é expressão de uma exclusiva devoção ao luto, devoção que nada deixa a outros propósitos ou a outros interesses. Freud (1926), em Inibições, Sintomas e Ansiedades, fala sobre a Inibição, que também não apresenta necessariamente uma implicação patológica, sendo uma restrição da função do ego imposta como medida de precaução ou acarretada como resultado de um empobrecimento de energia. A baixa autoestima expressada pelo melancólico acontece porque o ego se identifica com o objeto de amor perdido, que faz que a libido objetual vinculada a ele se volte para o ego do indivíduo. Dessa forma, a libido é julgada pelo superego como se fosse um objeto, o objeto de amor perdido. É também por essa razão que o enlutado não sente vergonha ou demonstra se incomodar em expressar seu ódio e recriminações que, apesar de serem ditas de si mesmo, parecem se referir a outra pessoa, ou se seja, ao ser amado que agora está de certa forma, instalado dentro do seu próprio ego (FREUD, 1915, 1926).

Melancolia e Suicídio

Inicialmente no texto “Contribuições para uma discussão acerca do suicídio”, Freud (1910) afirma não haver resposta possível para a questão do suicídio, sobre como seria possível o eu renunciar à autopreservação. Entretanto, neste mesmo texto, Freud defende que o suicídio tem a melancolia como referência, na medida em que questionamos a renúncia por parte do eu.

Freud (1915) relaciona a melancolia à fase sádico-oral do desenvolvimento, que além da ideia de incorporação, há também uma fantasia de destruição ao ato de mastigar e morder. O ego por natureza sempre está voltado para a sobrevivência, porém, no caso da melancolia, há um conflito de desvalorização pessoal expressado através de sintomas, causado pelo objeto amado incorporado, que traz um sentimento de abandono ao enlutado. Esse conflito do ego pode ser relacionado diretamente ao conflito da fase oral que traz como sintomas a falta de apetite, disfunções alimentares, vômitos e em alguns casos até certo caráter suicida. O suicídio só poderia ser praticado para a agressão de outro, sendo que este outro pode se encontrar dentro do próprio Eu. Segundo Fenichel (2002, p. 373), o suicídio é uma virada do sadismo contra a própria pessoa. Para este autor, o suicídio comprova a tese de que ninguém se mata sem ter pretendido matar alguém. O suicídio exprime o fato de se haver tornado insuportável a tensão induzida pela pressão do superego sobre o ego.

O sadismo e a identificação narcísica seriam dois elementos de um processo no qual a sombra do objeto recai sobre o Eu. A análise da melancolia nos traz a ideia de que o Eu pode se matar quando, devido ao retorno do investimento objetual, pode tratar a si mesmo como um objeto de amor, quando é capaz de dirigir contra si a hostilidade que seria para o objeto. Nas duas situações, completamente opostas, de total paixão e de suicídio, o Eu é dominado pelo objeto (FREUD, 1915, 1917).

Relação entre o Narcisismo e a Melancolia

Freud (1917) nos traz a ideia de que na melancolia, a necessidade de punição ou sentimento inconsciente de culpa, seja decorrente de uma espécie de opressão muito forte do superego ao ego. Podemos partir do raciocínio que na melancolia, a perda do objeto, remete o sujeito a uma perda de um vínculo narcísico. Sendo assim, o objeto de amor pode até ser entendido, racionalmente, como algo separado do ego do sujeito, porém, a qualquer momento em que ele se movimentar, o edifício de identificação do sujeito melancólico poderá ser abalado. A percepção, mesmo que mínima, de qualquer alteração ou perda do objeto e os dados da realidade de que este é algo autônomo, provoca em qualquer sujeito uma necessidade de reorganização, necessidade esta produzida pela castração. No caso do luto, essa perda de objeto seria sentida durante algum tempo, mas após o trabalho do luto a libido do indivíduo seria direcionada a outro objeto. Porém, para o melancólico, especialmente, pode ser uma fonte de grandes abalos, não conseguindo realizar o redirecionamento da libido e se fixando num estado de luto permanente.

Redes Sociais

Ao participar de um ambiente virtual como o que é fornecido nas redes sociais, as pessoas têm a possibilidade de interagir independentemente das fronteiras de tempo e de espaço, conhecer pessoas e culturas distantes da sua realidade e expandir suas relações pessoais, profissionais e amorosas. Entretanto, mesmo diante de tantas possibilidades positivas, alguns indivíduos acabam usando estas novas ferramentas para colocar em prática um comportamento negativo, ou em casos extremos, uma conduta perversa. Como um terceiro ponto, os usuários de redes sociais podem se apresentar com diferentes narrativas sobre si mesmos, mostrando meias verdades sobre suas vidas ou também podem criar, até mesmo, personagens conforme sua imaginação ou desejo de ser. Partindo deste ponto, a exposição na internet permite ao usuário receber retorno a respeito dele mesmo, da sua imagem idealizada, na medida em que escreve e recebe feedbacks dos seus contatos ou amigos virtuais. Uma imagem sobre o participante é construída, onde não só os contatos ou amigos acreditam que seja a realidade da vida deste usuário, mas em alguns casos o próprio indivíduo parece construir e acreditar naquela imagem dele mesmo, como se estivesse criando um novo ideal de ego de forma muito simples, porém virtual.

A vida moderna, com as necessidades constantes de produtividade pessoal e profissional, aliadas à crescente evolução tecnológica e padronização do mundo contemporâneo, pode resultar em um sentimento de incapacidade de acompanhamento desta evolução frenética. Talvez possamos pensar que este novo ideal de ego, ou este novo componente narcísico, acrescentado pela conduta comum da vida virtual, pode gerar uma relevante fragilidade dos nossos vínculos reais. Assim, prevalecendo o imaginário do indivíduo que alimenta muito mais a idealização e o Ego ideal, potencializando o narcisismo individual e social, em detrimento das relações de objeto.

A *selfie* poderia representar um sintoma? Partindo do ponto de que o mais comum nas redes sociais é a exposição através de fotos, muitas vezes da própria pessoa, quem sabe aí está um sintoma da sociedade, cada vez menos interessada nas relações reais e não virtuais, apenas investindo na proliferação de imagens que não necessariamente traduzem os reais sentimentos envolvidos no momento. Aparentemente, não importa para ninguém, nem mesmo para o próprio indivíduo, se o conteúdo da foto de fato é real, ou seja, se a pessoa está feliz e bem como a foto demonstra. O principal objetivo dos indivíduos é a busca por admiração e amor, de modo tão instantâneo que nem ocorre uma reflexão se ele se sentirá melhor após muitas curtidas e elogios, prevalecendo o imaginário sobre o simbólico.

Um ponto a ser lembrado, enquanto pensamos na melancolia observada no comportamento virtual, também é a visão de que o oposto é igualmente relevante, ou seja, a mania pode ser uma forma narcísica e melancólica mascarada, atuando no real e no imaginário mundo das redes sociais. A mania em grau elevado representa o estado psicótico da melancolia. Neste sentido, o uso exacerbado das imagens e postagens nas redes sociais pode revelar também um estado melancólico.

REFERÊNCIAS

ARISTÓTELES. **O homem de gênio e a melancolia**. O problema XXX, 1ª Trad. do grego, apres. e notas de Jackie Pigeaud. Trad. de Alexei Bueno. Rio de Janeiro: Lacerda, 1998.

FENICHEL, O. **Teoria psicanalítica das neuroses**. São Paulo: Atheneu, 2004.

FREUD, S. (1905). Três ensaios sobre a teoria da sexualidade. **Edição Standard Brasileira das obras psicológicas completas**. Rio de Janeiro: Imago, 1987, v. VII.

_____. (1910). contribuições para uma discussão acerca do suicídio. **Edição Standard Brasileira das obras psicológicas completas**. Rio de Janeiro: Imago, 1996, v. XI

_____. (1914). Sobre o narcisismo: uma introdução. **Edição Standard Brasileira das obras psicológicas completas**. Rio de Janeiro: Imago, 1976, v. XIV.

_____. (1917). Luto e melancolia. **Edição Standard Brasileira das obras psicológicas completas**. Rio de Janeiro: Imago, 2004, v. I.

_____. (1920). Além do princípio do prazer. **Edição Standard Brasileira das obras psicológicas completas**. Rio de Janeiro: Imago, 2006, v. II.

_____. (1923). O eu e o id. **Edição Standard Brasileira das obras psicológicas completas**. Rio de Janeiro: Imago, 2007, v. III.

_____. (1926). Inibições, sintomas e ansiedade. **Edição Standard Brasileira das obras psicológicas completas**. Rio de Janeiro: Imago, 1996, v. XX.

_____. (1940). A divisão do ego no processo de defesa. **Edição Standard Brasileira das obras psicológicas completas**. Rio de Janeiro: Imago, 1975, v. XXIII.

GREEN, A. **Narcisismo de vida. Narcisismo de morte**. São Paulo: Escuta, 1988.

LAPLANCHE, J.; PONTALIS, J. B. **Vocabulário de psicanálise**. São Paulo, Martins Fontes, 2004.

OMS, Organização Mundial da Saúde.

Disponível em: <<https://www.who.int/eportuguese/countries/bra/pt/>>. Acesso em: 1 jun. 2019.

QUINODOZ, J. **Ler Freud. Guia de leitura da obra de Sigmund Freud**. Porto Alegre: Artmed, 2007.

ROUDINESCO, E.; PLON, M. **Dicionário de psicanálise**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.